



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CAMPUS: CAMPINA GRANDE

CENTRO DE EDUCAÇÃO

CURSO DE FILOSOFIA

JOANA DE SOUTO GOMES

**A METÁFORA DO ESPELHO COMO EXPRESSÃO DO NADA EM MARGUERITE
PORETE**

CAMPINA GRANDE

2014

JOANA DE SOUTO GOMES

**A METÁFORA DO ESPELHO COMO EXPRESSÃO DO NADA EM MARGUERITE
PORETE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Filosofia, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em Filosofia.

Área de concentração: Filosofia Medieval.

Orientadora: Prof.^a Dra. Maria Simone Marinho Nogueira.

CAMPINA GRANDE

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

G633m Gomes, Joana de Souto.
A metáfora do espelho como expressão do nada em
Marguerite Porete|[manuscrito] / Joana de Souto Gomes. - 2014.
31 p. : il.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.
"Orientação: Profa. Dra. Maria Simone Marinho Nogueira,
Departamento de Filosofia e Ciências Sociais".

1. Análise filosófica. 2. Teologia mística. 3 Deus -
Divindade. 4. Filosofia I. Título.

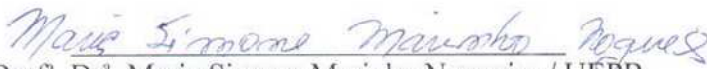
21. ed. CDD 100

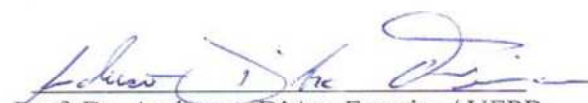
JOANA DE SOUTO GOMES

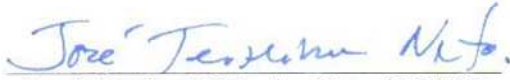
**A metáfora do *Espelho* como expressão do nada em Marguerite
Porete**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Graduação em Filosofia da
Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para obtenção do
grau de Licenciada em Filosofia.

Aprovado em 05/12/2014.


Prof.^a. Dr.^a. Maria Simone Marinho Nogueira / UEPB
Orientadora


Prof. Dr. Anderson D'Arc Ferreira / UFPB
Examinador


Prof. Dr. José Teixeira Neto / UERN
Examinador

Aos meus pais, João e Madalena, pela paciência, pelo apoio e pelo carinho tão necessários para a conclusão desse ciclo.

Aos meus sobrinhos, Saira, Ítalo, Douglas, Fernanda, Bianca, Felipe, Ian, Iago e Heitor, por me fazerem querer ir mais longe todos os dias.

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos ao universo que por tantas vezes conspirou ao meu favor, me fazendo amadurecer e buscar ser uma pessoa maior de espírito. Por ter encaminhado, as ruas da minha vida, pessoas que foram essenciais para o meu *não desistir*, quando nem eu sabia o caminho a seguir.

À minha orientadora, Simone Marinho, que é exemplo de beleza e de paz de espírito. Ela que quebrou paradigmas acadêmicos, mostrando que antes de qualquer título, status e conta bancária, somos humanos. Ela que em todo o processo de construção desse projeto se mostrou uma pessoa sensível, paciente e amiga, e tem toda minha gratidão e admiração. *Obrigada, Simone!*

Aos meus pais João Patrício e Madalena Souto, eles que são exemplos de perseverança; sempre tão meticolosos com minhas imperfeições. Pelas palavras de força, por acreditar e incentivar minhas leituras. Por me darem suporte emocional para que eu chegasse até aqui.

A Caio Varela e Maria Clara, eles que se tornaram meus irmãos. Por todas as discussões filosóficas e éticas que me ajudaram a querer me debruçar cada vez mais sobre a filosofia. Por todas as vezes que me deram colo e foram a tranquilidade em meio ao caos. *Os amo com toda minha existência!*

Aos meus colegas de turma: Márcia Batista, Marcos Marcilio, Daniel Avelino e Rosinete de Lima, por todo carinho, pelos momentos únicos e pela amizade que construímos ao longo do curso.

A todos que fazem a E. M. João de Fontes Rangel, por me acolher durante todos esses anos. E todos aqueles que lá foram incentivadores e peças fundamentais na escolha por lecionar. Além de amigos, são profissionais exemplares com os quais aprendi o que é o real do profissionalismo. Em especial a Gislaine Fernandes, Jamire Muriel e Risolene Alves.

A todos os amigos que a academia me trouxe: Claudia Ribeiro, Bruno Ambrosino, Carlos Costa, Hugo Oliveira, Rafaella Porfírio, Felini Souza, Kamila Lacerda, Amanda Gomes e Maria Luíza. Estes que fizeram a minha vida mais leve e alegre.

Por fim, à vida, que por um fio é imenso e vazio.

*"O mais sábio dos homens parecerá um
símio diante de Deus, pela sabedoria,
pela beleza, por tudo". Fragmentos,
Heráclito*

RESUMO

No presente trabalho objetiva-se apresentar aos leitores algumas considerações sobre a obra *O Espelho das almas simples e aniquiladas* e também sobre a vida de Marguerite Porete. Sua obra expressa aspectos da teologia mística que, fundamentalmente, constitui também a experiência da autora. Marguerite usa a metáfora do espelho para mostrar como o ser carnal, cheio de vontades e anseios poderia se abandonar em Deus. Alicerçando sua obra em conceitos como o *nada* e o *aniquilamento*, nos propõe uma forma de alcançar a divindade de forma prática e real, chegando a um estado de total desprendimento, onde a categoria do nada, tão importante para alguns filósofos modernos e contemporâneos, se mostra como importante na reflexão poretiana. Deste modo, pensar em uma imagem de Deus é pensar em um total aniquilamento, pois, como fica bem claro ao longo do livro, Marguerite fala do indizível, do Deus do qual não se pode falar, mas senti-lo.

Palavra – chave: Marguerite Porete. Mística. Nada. Aniquilamento.

ABSTRACT

The present work has the objective to present to the readers some considerations about the work *The mirror of the simple and annihilated souls*, and the life of Marguerite Porete. A work with aspects from the mystique theology that is constituted fundamentally by the experience of the author. Marguerite uses the metaphor of the mirror to show how the carnal being, full of desires and wishes could abandon himself in God. Basing her work on concepts like: the nothingness and the annihilation, proposes to us a way to reach the deity in a practical and real way coming to a state of full release, where the category of nothingness, very important to some modern and contemporary philosophers, it shows importance on the poretian thought.

Thus, to think about an image of God is to think a total annihilation, because, as it's clear along the book, Marguerite talks about the unspeakable, of the God that no longer can be expressed, just felt.

Key-Words: Marguerite Porete. Mystique. Nothingness. Annihilation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
2 MARGUERITE PORETE – VIDA E OBRA.....	12
3 A METÁFORA DO ESPELHO.....	18
3.1 Marguerite Porete e <i>O Espelho</i>	20
4 OS ESTÁGIOS EM O ESPELHO DAS ALMAS SIMPLES E ANIQUILADAS.....	23
4.1 O homem-espelho e o olhar.....	25
CONCLUSÃO.....	28
BIBLIOGRAFIA.....	30

INTRODUÇÃO

A filosofia, que tende a refletir o contexto social da humanidade, revela as mudanças que ocorrem na sociedade ao longo da história. Desta forma, podemos perceber que ao longo do percurso da filosofia, a mulher é mostrada como tendo um papel secundário, e o que é mais pertinente, que a história que é referida à mulher foi escrita pelos homens. No entanto, fazendo uma investigação de como se deu a presença feminina no período medieval, podemos constatar que seu papel não foi apenas de coadjuvante, mesmo tendo a função social de ser genitora, submissa às vontades masculinas e, por ser filha de Eva, levar consigo o peso da culpa pelo pecado original. As mulheres conseguiram quebrar os paradigmas que a elas foram impostos e conseguiram de forma espetacular se fazerem senhoras do contexto social. Sabe-se que: “a situação das mulheres plebeias era completamente diferente das mulheres da nobreza, as damas. Na época feudal, a divisão social entre nobreza e plebe era radical.” (ALMEIDA, 2011, p. 56), assim, as mulheres nobres obtinham a mesma educação que os homens nobres, porém elas não podiam exercer seu poder intelectual publicamente.

Dentre os vários movimentos, que estavam ocorrendo para que houvesse uma mudança radical dentro da igreja, surge a mística. Sendo ela motivo para que a igreja considerasse arbitrarias as novas ordens religiosas que a tinham como base essencial de sua espiritualidade. A mística aparece e, com ela, várias mulheres letradas que resolveram usar o seu engrandecimento intelectual para uma formação religiosa do povo. Este é um importante detalhe, pois a maioria das místicas do século XIII escreveram em língua vernácula e, conseqüentemente, também pregavam assim.

Deste modo, depois dessa pequena análise histórica, no presente trabalho pretendemos mostrar alguns aspectos da teologia filosófica de Marguerite Porete, ela que trouxe uma grande contribuição para a mística feminina. Marguerite que é autora do livro *Le Mirouer des ames simples et anienties et qui seulement demeurent em vouloir et desir d'amour*¹, texto que será abordado mais abrangentemente a partir do capítulo 1, a autora foi uma das mulheres da medievalidade que conseguiu transgredir não só os parâmetros sociais, mas também eclesiásticos. Através dos escritos poretianos, podemos fazer uma análise da sua experiência

¹ Este é o título da obra de Marguerite Porete no Francês medieval. Sua tradução para a língua vernácula é: *O espelho das almas simples e aniquiladas e que permanecem somente na vontade e no desejo do Amor*. Usaremos para as citações do texto de Marguerite a edição em Português, tradução e notas de Sílvia Schwartz. Quando nos referirmos à obra usaremos a palavra *O Espelho das almas simples e aniquiladas* ou meramente *O Espelho*.

mística, que nos trouxe os principais temas para este trabalho, que são: o *espelho*, o *aniquilamento* e o *nada*.

Marguerite Porete nos mostra uma forma de limar nossa alma, esta que é uma alma que ainda não se tornou reflexo do divino, através dos estágios que ascendemos para o alto da montanha, onde Deus se vê nela, ou seja, são os estágios que lhe dá a forma de espelho até que se torne um espelho cristalino de Deus. O reflexo da imagem do divino é um dos pontos principais no pensamento de Marguerite. O uso da metáfora do espelho é uma forma que ela utiliza para mostrar que podemos chegar ao estado de purificação, uma descoberta de si. E mais, é o querer se colocar à frente do espelho e fazer uma introspecção, analisar e refletir o seu eu e assim se tornar Deus e mais nada querer e sentir. De certo, que para se tornar um reflexo cristalino de Deus a Alma necessita se despojar de si, e esse despojamento levaria a alma ao aniquilamento total.

O aniquilamento poretiano é o ponto crucial para que a alma consiga chegar ao seu estado de nadificação. A experiência mística de Marguerite, que se pauta na condição do aniquilar-se, é entender que a alma tende a passar pelas três mortes (morte para o pecado, morte para a natureza e morte para o espírito). Assim, a alma não terá mais o querer, a alma está morta para si, não responde mais por si, ela passa a ser o Amor, de tal modo que chega ao absoluto nada: “E tal Alma, que se tornou nada, tem tudo e, portanto, não tem nada, vê tudo e não vê nada, sabe tudo e não sabe nada” (PORETE, 2008, p.39). Vemos que reconhecer o nada é perceber e entender a bondade divina, aceitando a vontade de Deus como absoluta e permanente, é o experimentar a liberdade em toda sua totalidade de existir.

O principal objetivo aqui é que ao longo do texto aconteça uma reflexão e o desencadear de uma teologia filosófica, que por muito tempo foi extorquida do processo histórico por se tratar de uma experiência horizontal com Deus, deixando de lado as questões eclesiais, e desfrutar um momento único com Deus, de puro nadificar-se. Por fim, este trabalho está dividido em três capítulos; no primeiro faremos uma contextualização histórica e social da vida de Marguerite Porete, onde detalhamos como se deu o processo de inclusão das beguinhas; além disso, buscaremos contextualizar a obra e o pensamento de Marguerite. O segundo capítulo será dedicado à compreensão do porquê de Marguerite utilizar a metáfora do espelho para dar embasamento a sua experiência mística. Com base nisso situaremos o processo de *aniquilamento* e *nadificação* da alma. No último capítulo, buscaremos refletir

sobre os sete estágios que Marguerite escreve, para que a alma consiga chegar ao estado de nada e como esse processo faz com que o homem se torne espelho de Deus.

2 MARGUERITE PORETE – VIDA E OBRA

Com o passar dos tempos o estudo da mística medieval vem ganhando força e muitas das afirmações que falam do período medieval como uma época de “escuridão” vêm perdendo o sentido. Vários estudos no âmbito histórico, filosófico, religioso e místico mostram que existiram grandes pensadores que se mostraram bastante ousados em suas linhas de pensamento, quebrando paradigmas epistemológicos, ou seja, transgredindo o horizonte de uma consciência que é universal e semelhante em todo ser humano. O século XII apontou para um novo período político e social na história da Idade Média e, dentro da perspectiva da história da mística, o século XIII teve o impacto mais importante, marcando um novo estágio da mística cristã e uma reestruturação religiosa no desenvolvimento dos movimentos religiosos, muitas vezes rotulados como heréticos.

A busca por um vida apostólica atraiu tantas mulheres que os conventos femininos dos cistercienses, premonstratenses, dominicanos e franciscanos não tinham mais condições de abrigá-las. Assim, a situação para as mulheres que procuravam ingressar na vida religiosa ficava cada vez mais complicada, pois as ordens já existentes não davam conta da demanda. Neste contexto surgiu o Concílio de Latrão, em 1215, liderado por Inocêncio III, no qual ficou estabelecido que não se poderia criar novas ordens religiosas. Entretanto, em 1216, Honório III permitiu que essas mulheres pias pudessem viver em comunidades, levando uma vida de oração e de trabalho para os pobres. Daí, em 1230, surgem as Beguinas. Originalmente:

“beguina” era um termo pejorativo, com tom herético. Recentes defensores preferem falar de “mulheres santas” ou “mulheres religiosas”. Outros usaram a expressão “mulheres comumente chamadas de beguinas”. Essa relutância em usar a palavra “beguina” sem qualificação adicional continuou até a segunda metade do século XIII (ALMEIDA, 2011, p. 127).

Apesar da falta de qualificação, podemos dizer que as beguinas eram mulheres religiosas que, entretanto, não faziam votos de religião, mas se empenharam na castidade e na pobreza, podendo voltar à vida secular quando sentissem vontade. Esse foi um dos motivos de muitos clérigos não reconhecerem uma verdadeira forma religiosa para as beguinas, pois elas tinham um compromisso revogável. Por não adotarem qualquer norma autorizada, as particularidades de suas vidas modificavam de acordo com o lugar onde viviam: algumas moravam com suas famílias, outras se agrupavam nas beguinarias e outras, ainda, viviam de cidade em cidade, como nômades. Muitas eram possuidoras de uma vasta cultura teológica, literária e filosófica:

[...] foi intensa a vida espiritual e mística que essas mulheres viveram e a literatura espiritual que produziram. Escreviam em língua vulgar flamengo, francês e alemão. Hadewijch de Antuérpia – uma dessas mulheres – é considerada a fundadora da língua flamenga escrita, pois as obras dela são as mais antigas obras escritas nesse idioma.[...] Pelo valor espiritual as obras de Hadewijch de Antuérpia, Hadewijch II, Beatriz de Nazaré, Mechthild Magdeburgo, Margarida Porete, Lutgardes de Tongeren, Yvette de Huy, Maria de Oignies e Cristina, a Admirável, constituem a base da mística ulterior e, finalmente, de toda a mística ocidental. Inspiram Ruusbroec, Tauler e Eckhart (COMBLIN *apud* MARIANI, 2012, p. 42).

Apesar destas constatações, as mulheres carregam dentro da história cristã o papel de errantes, traiçoeiras e insolentes. Mas qual seria o motivo para tanta desconfiança? Eva, considerada transmissora do pecado, fez com que Adão caísse em tentação. Filósofos como Santo Agostinho, Tomás de Aquino foram também propulsores da ideia de que a mulher tinha como essência uma subordinação ao homem, pois ele foi o orto, onde prevalece a racionalidade, enquanto na mulher a predominância é o desejo. Porém, colocamos a ressalva que ao longo da história esses tipos de conotações vêm sendo desconstruídos, pelo menos a nível social. E mais, levando em consideração o contexto social do século XIII e toda conjuntura de qual seria o papel da mulher e como ele era inserido dentro da igreja, podemos afirmar que estas mulheres foram transgressoras não só na escrita, mas em todo o contexto sociocultural.

Mas, voltando para o contexto cristão do século XIII, onde o número de beguinarias crescia rapidamente em toda a Europa, especialmente nas áreas urbanas, vemos como, desde cedo, o Movimento Beguinal sofreu com as desconfianças eclesiásticas. Assim, o primeiro sinal de reprovação vem no Concílio de Lyon em 1274, quando o franciscano Gilbert de Tounai ataca a forma que as beguinas interpretam as Escrituras e denuncia o uso da língua vulgar para estas interpretações. Muitas foram as acusações contra as beguinas, acusadas de usar a liberdade para ludibriar algumas regras da igreja, sendo acusadas, também, de espalharem opiniões que contradiziam a fé católica, assim como foram acusadas de tentar iludir pessoas simples.²

[...] o fato de não se encaixarem em nenhuma categoria eclesiástica se tornou um problema para as *béguines* e as deixou mais vulneráveis aos ataques. Uma mulher que decidisse viver em castidade fora do compromisso religioso e se negasse a ser seduzida por um clérigo, portanto implicitamente criticando os padrões morais da Igreja e se colocando acima deles, era

² Cf. ALMEIDA, Rute Salviano. **Uma voz feminina calada pela inquisição**. São Paulo: Hagnos, 2011, p. 140-141.

facilmente acusada da heresia albigense e queimada [...] Por ironia, alguns anos mais tarde, as *béguines* foram acusadas de uma heresia diferente, a do livre espírito, que tem entre suas características centrais (pelo menos tal como descrito nas confissões extraídas sob tortura) uma extrema licenciosidade sexual (SCHWARTZ, 2005, p. 28).

Assim, no Concílio de Viena em 1311-1312, foram condenadas, sendo decretado que o seu modo de vida deveria ser proibido e excluído da Igreja. O movimento beguinal sofreu com as mudanças de panorama que o clero fazia em relação às beguinhas e ao begardos.

As beguinhas foram mulheres transgressoras, tanto por serem místicas, como por terem ousado adentrar em um universo que até então era masculino. Elas leram e interpretaram a bíblia não apenas com um olhar de expectadoras, mas usaram suas experiências com a fé e aventuraram-se em encontrar a Deus de uma forma concebida e transcendental. Um fato que é bastante curioso e o de que várias das místicas medievais escreviam falando de visões advindas do divino, e também escreviam se redimindo pelo fato de serem mulheres. Entretanto, uma dessas mulheres não escrevia sobre relatos visionários e, muito menos pede desculpa por ser mulher: Marguerite Porete escreve com a convicção de uma alma aniquilada, que se tornou uma com Deus.

Assim, no dia 1º de Junho de 1310, na Praça de Grève em Paris, Marguerite Porete é queimada publicamente na fogueira da inquisição. Autora de uma das maiores obras místicas da tradição cristã, Marguerite, a transgressora de limites, foi condenada como herege reincidente, relapsa e impenitente. Nascida por volta de 1260, no Condado de Hainaut, pertencente à cidade de Valenciennes (noroeste da França), a autora demonstra um grande domínio teológico e literário. A sua obra, *Le Mirouer des ames simples et anienties et qui seulement demeurent em vouloir et desir d'amour*, como já dissemos, foi escrita de forma alegórica, originado da experiência mística e do aniquilamento por ela relatado. Ao longo do texto, a autora se mostra distante da obra, mas nos capítulos finais ela vem à tona como a própria alma nadificada, entregue ao Amor Cortês. Em vista dessa dinâmica que marca o desenvolvimento da obra de Marguerite Porete, a autora termina por assumir-se como escritora e personagem do livro e se torna espelho de Deus.

A autora de *O espelho das almas simples e aniquiladas* enxerga no Movimento Beguinal a oportunidade de colocar em prática a sua vocação divina e assim ela o faz. Ao escrever a obra, ela sofre a sua primeira condenação. O bispo de sua diocese, Guido II de Colmien, condenou Marguerite e fez queimar publicamente na cidade os seus escritos. Porém,

a beguina continuou a divulgar o seu livro e o ensinamento nele contido. Desta forma, ela procurou amparar sua obra, submetendo-a a avaliação de três teólogos que fizeram análises positivas, mas deixando algumas ressalvas, foram eles:

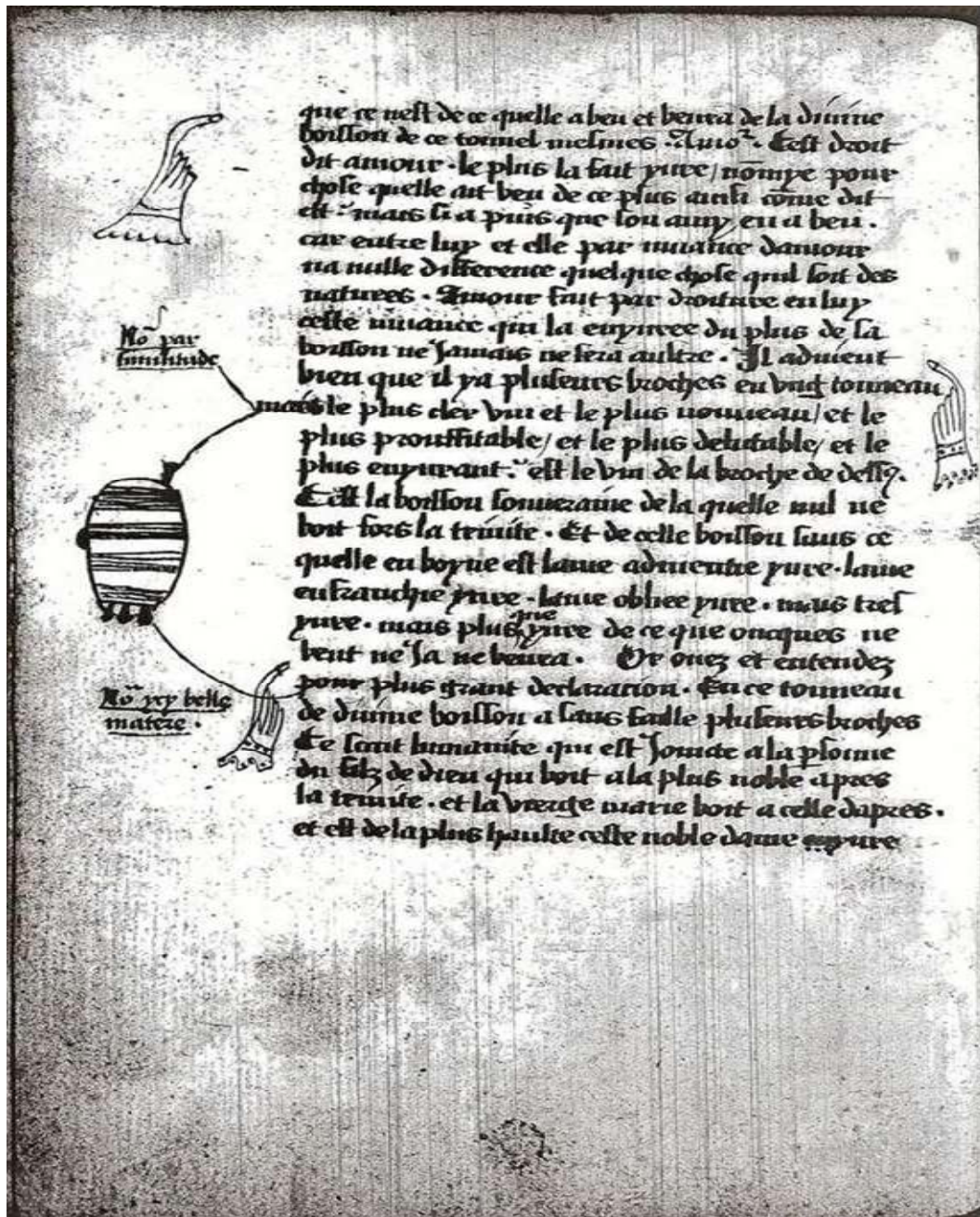
[...] o franciscano João de Quaregnon, o cisterciense dom Francisco, da Abadia de Villers, e o teólogo secular Godfrey de Fontaine, que foi doutor na Universidade de Paris (1285 – 1306). Somente Fontaine, um dos mais importantes filósofos escolástico de Paris, fez ressalvas afirmando que pessoas simples poderiam encontrar muita dificuldade para entender o texto. Já frei João de Quaregnon chegou a afirmar que sua obra tinha sido inspirada no Espírito Santo, mas temia que poucos pudessem enxergar isso, porque “todos os clérigos do mundo” não poderiam entendê-la, a não ser que tivessem um grande discernimento espiritual (LERNER *apud* ALMEIDA, 2011, p. 153).

Um segundo processo começa. Este agora dirigido pelo novo bispo de Cambrai, Philip de Marigny. Ela foi “convidada” a refletir sobre o que escrevia e acabou sendo conduzida a Paris, onde ficou sob os cuidados do inquisidor Guglielmo Humbert. Marguerite Porete foi mantida na prisão por quase dois anos, resistiu ao tribunal eclesiástico que insistia numa retratação por parte da escritora e um pedido de clemência. Seu inquisidor submeteu o livro de Porete a uma comissão de 21 teólogos docentes da Sorbonne. Assim eles julgaram quinze proposições como heréticas. Condenada à morte, Marguerite Porete queima na fogueira da Inquisição, mas o seu silêncio ecoa de forma prática num dos temas de *O Espelho*:

[...] A herança dessa Alma é a perfeita liberdade, cada uma de suas partes tem o seu brasão de nobreza. Ela não responde a ninguém a menos que queira, se ela não é de sua linhagem; pois um nobre não se digna a responder a um vilão que o chama ou o convida ao campo de batalha. Portanto, quem chama uma tal Alma não a encontra; seus inimigos não conseguem dela nenhuma resposta (PORETE, 2008, p. 148).

Marguerite Porete não faz considerações sobre Deus, ou sobre as transformações que ele pode fazer em uma vida que se dedicou à caridade religiosa, também não fala sobre o humano acessível para Deus, todavia, é a fala de uma alma liberada com Deus e em Deus, como podemos perceber ao ler seu livro. A imagem abaixo corresponde à página 29 de *O Espelho das almas simples e aniquiladas*³. A obra se encontra no Museu de Condé em Chantilly e representa a única versão francesa conhecida da obra de Marguerite Porete.

³ Não se tem dados bibliográficos concretos sobre a vida de Marguerite, porém, pelo o que nos chegou até hoje, podemos afirmar que era ela uma mulher de família nobre e com isso teve acesso à educação letrada. Assim, Marguerite usou tais conhecimentos para expressar sua experiência mística. Ela escreveu o livro em sua língua vernácula (no francês antigo, mais precisamente em picardo), também foi traduzido para o latim, o italiano e o inglês medieval. Algumas dessas traduções foram feitas quando a autora ainda estava viva. Um dado interessante é que depois do processo inquisitório, o livro ainda foi bastante difundido, porém como um tratado anônimo.



O *Espelho das almas simples e aniquiladas* foi escrito de forma alegórica, discorrendo sobre a experiência mística vivida e a autora fala com a autoridade de uma alma aniquilada. O livro foi escrito tanto em verso quanto em prosa, seguindo um gênero literário muito influente na época, o do amor cortês da poesia medieval. Composto de 139 capítulos e a Aprovação, que também é considerada um capítulo. O livro se desenvolve com o diálogo dos personagens principais: Amor, Alma e Razão, que tem variações ao logo do texto, assim também podendo ser encontrados como o Entendimento da Razão, a Alma Estupefata, a Alma Liberada. Ao

longo do texto aparecem personagens secundários que são: a Santa Igreja (Grande e Pequena)⁴, O Temor, a Cortesia, a Discrição, as Virtudes, a Tentação. A autora narra ao longo dos capítulos o caminho que a Alma deve percorrer para alcançar o estágio máximo de liberdade: a aniquilação. Assim, o livro de Marguerite Porete pode ser visto, também, como uma espécie de guia espiritual, onde ela mostra que uma Alma pode ser salva pela fé sem obras, sem esperar nenhum reconhecimento, apenas pelo amor.

Por vez, é bastante notável a influência da teologia de pseudo-Dionísio dentro da obra *O Espelho das almas simples e aniquiladas*. A base do discurso místico é uma espécie de monólogo com aquele que seria incomunicável. Compreendendo que a teologia apofática tem como base o despojamento de todas as coisas para chegar ao encontro com Deus, esse despojamento é o deixar de lado o entender no intuito de se aproximar daquele que detém e está além do todo o saber. Isso fica bastante claro em *O Espelho* e mais precisamente no capítulo 11 quando o Amor vai explicar para a Razão o itinerário da Alma, mostrando os traços que a Alma deve ter para ser o reflexo de Deus, sendo então uma Alma aniquilada, ou seja, uma Alma diluída no Amor. Sendo essa Alma liberada, pura e clarificada amante de Deus sob todas as coisas e para além de qualquer conhecimento, assim, a Alma fala ao Amor:

[...] Pois Deus não é outro senão aquele que, nada se pode compreender perfeitamente. Pois Ele é o meu Deus, sobre quem não se pode dizer uma palavra e a quem todos os que estão no paraíso não pode alcançar, por mais compreensão que tenha dele. E nesse mais está encerrada, diz a Alma, a suprema mortificação do amor de meu espírito, e isso é toda a glória do amor de minha alma; e o será para sempre, e de todos aqueles que venham apreendê-lo (PORETE, 2008, p. 47-48).

Portanto, ainda que condenado por inquisidores medievais, *O Espelho das almas simples e aniquiladas* sobreviveu como um clássico cristão, além do mais, a obra de Marguerite Porete é o relato de alguém que vivenciou o despojamento total, alguém que largou toda a sua vontade e chegou ao estágio de puro nada, mostrando o reflexo da divindade, tornando-se, assim, espelho. Esta obra não é, nem de longe, algo que muitos possam compreender. Mesmo assim a sensibilidade doada por Marguerite deve ser triplamente multiplicada para os que queiram arriscar a ter uma Alma Liberada. Essa imagem pode ser compreendida através da metáfora do espelho, o que procuraremos mostrar no próximo capítulo.

⁴ Marguerite, tendo compreensão de que seu escrito seria retaliado pelo clero, faz uma consideração sobre um dos porquês da sua não aceitação. Este porquê faz parte da divisão que ela faz das duas Igrejas: Santa Igreja, a Pequena, essa que era movida pela razão e Santa Igreja, a Grande, a igreja das almas livres, estas que amam divinamente. O clero, para Marguerite, faz parte da Santa Igreja, a grande e, sendo movido pela razão, não consegue compreender o escrito poretiano.

3 A METÁFORA DO ESPELHO

Na Europa da Idade Média, mais precisamente nos séculos XII e XIII, surge um grande número de obras que continham em seu título o termo *speculum*, ou seu equivalente na nossa língua vernácula: espelho. Isso aponta que a imagem do espelho ou a sua metáfora tinha certa importância naquele período. O fascínio pelo espelho traz para o mundo cristão a proposta de que o espelho fosse um instrumento ofertado por Deus para que as criaturas tivessem como regressar a ele.

[...] Essa concepção do espelho repousa sobre uma idéia neoplatônica do cosmos que, em sua teoria da emanação, estabelece uma hierarquia de reflexos que fluem em cascata do Uno original até a matéria. A alma seria um reflexo da emanação do Uno e, ao possuir a imagem divina no espelho de sua alma, o ser humano poderia chegar ao conhecimento das realidades superiores através da introspecção. Para os neoplatônicos, o espelho era também um instrumento de retorno que permitia à alma se elevar até o Uno para reencontrar-se, num sentido contrário à dispersão, com a origem da fonte de luz (SCHWARTZ, 2005, p. 134-135).

Grande parte das obras que seguiam esse modelo de escrita era dirigida aos cristãos. Logo, no início do século XII, uma obra que teve bastante influência no meio religioso, especificamente, entre os cistercienses e as beguinhas foi o *Speculum Virginum*. Esta obra vem com o intuito de preparar as almas para o encontro com Deus. O espelho, escrito dentro do contexto religioso foi mais um desses “espelhos exemplares”, com a finalidade de pontificar um roteiro espiritual. Portanto, meditar sobre o homem, sendo espelho, é pensar que ele vê na alma um espelho vivo que reflete a imagem de Deus, na condição de alma pura. Compreendendo que o produto do espelho é o reflexo, a alma que se assume como espelho contempla o que seria o reflexo de Deus.

Marguerite nos mostra um caminho que devemos seguir para o aniquilamento da Alma, ou seja, o reflexo da Alma deve ser semelhante à Deidade. O aniquilamento é um dos temas principais dentro da obra de Marguerite Porete. O aniquilamento da Alma é a Liberdade do Nada Querer, ou seja, a vontade conveniente é esquecida. Mas como essa Alma poderia chegar a tal aniquilamento? No estado do puro nada, este seria o grau máximo da aniquilação da alma, sendo um estado do que nada tem a querer e do que não tem nada para dizer, porém, Marguerite ousou em falar do que ela mesma chama de incompreensível.

[...] E Deus é tão grande que ela não pode compreender nada. Por conta de tal nada, ela caiu na certeza de nada saber e na certeza de nada querer. E esse nada do qual falamos, diz Amor, lhe dá tudo, e ninguém poderia ter isso de

outra maneira. Essa alma, diz Amor, está aprisionada e detida no país da paz total; está sempre em plena satisfação, na qual submerge, ondula e flutua e se rodeia pela paz divina, sem movimentos em seu interior e sem obras externas de sua parte (PORETE, 2008, p.142-143).

Entendendo que Deus é algo incompreensível, a Alma não pode compreender nada e esse nada é algo que lhe dá a possibilidade de ter tudo. Levando em consideração a máxima sobre o nada, usado em *O Espelho das almas simples e aniquiladas* de Marguerite Porete, lembramos da possibilidade de fazer alusão a um nada existencial. Talvez, inocentemente, na nossa leitura, ao nada utilizado por Heidegger em *O que é a metafísica?*⁵.

Em *O que é a metafísica?* Heidegger, na tentativa de encontrar uma compreensão para o ente, se defronta com o nada: “*A ciência nada quer saber do nada Mas não é menos certo também que, justamente ali, onde ela procura expressar sua própria essência ela recorre ao nada. Aquilo que ela rejeita, ela leva em consideração*”

(HEIDEGGER, 1979. p. 36). Porém, devemos ter em mente que, para Heidegger, quando nos deparamos com o nada é um momento de angústia, e é esta angústia que nos leva ao enfretamento com um vazio, ou seja, a angústia carrega a manifestação do nada. Fazemos esta analogia, pois o nada advindo do latim tem como significado coisa nenhuma, ou seja, aquilo que não é e não existe. Entendendo que o Amor citado em *O Espelho* é algo real, avassalador e aniquilador, pensamos em um nada como algo real e existencial, que em seu interior pode ser encontrado o Deus do amor.

Neste sentido, a Alma Aniquilada pode espelhar-se no nada divino, que Marguerite Porete procura no espelho ou na imagem que refletiria aquilo que não tem imagem: Deus. Como já citamos antes, o texto é um itinerário que tem o intuito de ser espelho para as outras almas (leitoras). Portanto, é no capítulo 118, que Marguerite Porete traça com detalhamento os estágios que a Alma deve passar para alcançar a liberdade, e é ao longo do capítulo que os graus de ascensão, da base ao cume da montanha, vão mostrando como a alma pode experienciar o divino, sendo o cume da montanha um grau tão elevado que mesmo a alma estando em total despojamento, só terá compreensão quando a alma tiver deixado o corpo. Assim, vejamos tais estágios:

“**O primeiro estado** [...] é aquele no qual a Alma [...] tem a intenção de observar em sua vida [...] os mandamentos de Deus, por Ele ordenados na lei [...] **O segundo estado** [...] é aquele no qual a Alma considera o que Deus aconselha a seus amados especiais e que vai mais além do que aquilo que

⁵ Martin Heidegger tem como sua principal obra o *Ser e Tempo*, livro que foi publicado em 1927. Tem como principal propósito fazer uma real elucidação sobre a questão do ser. *O que é a metafísica?* Trata de uma aula inaugural que Heidegger ministrou em 1929 na cátedra de filosofia em Friburgo.

ordena [...]. **O terceiro estado** é aquele no qual a Alma se considera no sentimento do amor da obra de perfeição, no qual seu espírito decide [...] multiplicar nela tais obras [...]. **O quarto estado** é aquele no qual a Alma é absorvida pela elevação do amor nas delícias do pensamento na meditação e abandona todos os trabalhos externos e a obediência a qualquer outro pela elevação da contemplação [...]. **O quinto estado** é aquele no qual a Alma considera que Deus é, Ele por meio de quem todas as coisas são, e ela não é, se não é onde todas as coisas são. **O sexto estado** é aquele no qual a Alma não se vê mais, qualquer que seja o abismo de humildade que tenha em si; nem vê Deus, qualquer que seja a altíssima bondade que Ele tenha [...]. Quanto ao **sétimo estado**, Amor guarda em si para nos dar na glória eterna, e dele não teremos compreensão até que nossa alma tenha deixado nosso corpo. (PORETE *apud* NOGUEIRA, 2012, p. 132, grifo do autor).

Por ora, não vamos nos ater aos estágios, pois eles serão analisados mais adiante. Nessa caminhada que a alma faz até o cume da montanha, alguns destes estágios são de extrema importância. Todavia, é ao longo desse itinerário que a alma pode experimentar o *Longe-Perto*, ou seja, ser transformada no amor divino e ter a experiência de conhecer o desconhecido ou, como escreve Marguerite: “*Uma aliança certa e uma verdadeira concordância de vontade somente pela disposição divina*” (PORETE, 2008, p. 143).

3.1 Marguerite Porete e *O Espelho*

Levando em consideração que o livro *O Espelho das almas simples e aniquiladas*, escrito por Marguerite Porete, aparece como uma forma de guia espiritual para um público não restrito ao clero, como já foi levantado ao longo deste trabalho, a mística francesa escrevia para o povo na língua do povo, esse foi um dos fatores extremamente importante para a sua condenação. Assim, o livro, de uma forma geral, trata da experiência mística de Marguerite com a deidade. Ela nos apresenta os sete estágios para que a alma chegue ao total aniquilamento, como citamos anteriormente e podemos ver a seguir: “*Amor: - Há sete estados nobres de existência por meio dos quais a criatura recebe o ser, se ela se dispõe a passar por eles antes de alcançar o estado perfeito; vos direi como, antes que esse livro termine*” (*Idem*, p. 32).

O tratado teológico e, também, filosófico de Marguerite, nos é apresentando de forma alegórica e moldado na forma de espelho. Pretendemos nos deter aqui a esse sentido de como se dá esse espelho, ou melhor, como o homem pode ser tornar reflexo de Deus. Deste modo, pensar em uma imagem de Deus é pensar em um total aniquilamento, pois como fica bem

claro ao longo do livro, Marguerite fala do indizível, do Deus do qual não podemos falar, mas senti-lo. Assim, é formada uma das críticas à Igreja, a igreja pequena. Marguerite nos propõe uma forma de alcançar a divindade de forma prática e real, chegar a um estado de total elevação.

Apesar desse experienciar, a Alma não sabe falar de Deus, pois seu estado de total aniquilamento deixa longe todo o entendimento cognitivo, pois há o desprendimento dos desejos e das vontades, onde só o desejo do Amor impera na alma. E é esse querer desprender-se que faz com que cheguemos ao estado total de aniquilamento. Porém esse querer deve ser totalmente esquecido com o passar dos estágios. Vejamos:

O quinto estado é aquele no qual a alma considera que Deus é, Ele por meio de quem todas as coisas são, e ela não é, se não é onde todas as coisas são. E essas duas considerações lhe trazem uma perplexidade maravilhosa. Ela vê que Ele é bondade total que colocou nela uma vontade livre, nela que não é senão na maldade total (PORETE, 2008, p. 191).

Fica explícito que a vontade dela é, somente, querer a vontade de Deus, mas ainda não há o aniquilamento, pois ela ainda quer. O total aniquilamento é o não querer, não sentir, não ser. Pois o único querer e o único ser é o de Deus e, assim, a alma torna-se uma extensão de Deus. Mas como seria essa extensão? É quando a alma não vê, não sente e não vê a Deus, pois Deus está nela. E é no quinto estado que Marguerite nos mostra que o espírito está pronto para morrer, ou o que ela chama da morte do espírito. A alma esvaziada de si mesma encontra a deidade ou se transforma em um ser uno com a deidade.

O reflexo da deidade é o ponto ímpar do aniquilamento, é quando Alma está liberta de todas as coisas, é o extremo da bondade de Deus. É válido ressaltar que ao longo do texto aparecem alguns fragmentos que fazem uma referência autobiográfica de Marguerite:

“Autora: - E por isso vos diremos como nosso senhor não está totalmente liberado do amor, mas o Amor vem dele para nós, para que os pequenos possam entender por vosso intermédio, pois Amor pode tudo fazer sem a ninguém prejudicar” (Idem p. 32).

Sua experiência mística resultou nos sete estágios, dos quais podemos dizer que é o polimento do espelho, espelho que está sujo e não consegue refletir a imagem de Deus. Como a própria Marguerite alerta, Deus é o único intermédio para chegar ao estado de despojamento total. Sendo assim, se faz necessário que o homem busque o modelo perfeito para copiar e chegar à perfeição. Por outro lado, Deus operaria através desse ser místico, que aqui é Marguerite, para que a vontade dessa Deidade impere. Assim, o despojamento do eu, a

negação da própria vontade e a natureza de pecados são totalmente aniquiladas, por se tornarem um com Deus. Apesar deste aniquilamento, ou por causa dele, a preocupação com a vida humana não desaparece.

A mística de Marguerite, expressa em seu *Espelho das almas simples*, nos apresenta uma preocupação com a vida humana, como aquela do homem ridículo que depois de seu sonho/experiência ama fortemente a humanidade e seu semelhante. A experiência com o Absoluto se faz na alma como uma experiência de comunhão com o mundo, posto que este é diafania de Deus. Deus está presente em todas as coisas e por isso a alma se torna tudo e tudo ama, pois ambos são um. Para o místico, Deus está permanentemente no mundo e, neste sentido, os homens estão sempre imersos no meio Divino, na presença de Deus, bastando-lhes apenas capturar Sua presença (PONTES, 2014. p. 38)

Marguerite, depois do processo de autorreflexão, chega à conclusão de que é um ser que pode com todas as suas raízes carnis também ser Deus e, que, depois de encarar a ascensão da montanha pelos estágios, pode chegar ao estágio de total elevação. É o estado de puro nada, de nada querer, de ser não só a imagem e semelhança de Deus, mas a expansão dele.

Posto isso, podemos dizer que Marguerite nos mostra como podemos chegar ao Sagrado e fazer parte do incompreensível e do indizível. Tendo disposição para a experiência mística, podemos chegar a um estado de total elevação. Neste sentido, nosso trabalho se encaminha para um detalhamento dos sete estágios, que em Marguerite foi uma tentativa de explicar os degraus que a Alma passou, assim, autenticando a tradição mística. Com isso, esperamos chegar ao ponto principal desse trabalho: o homem como reflexo da deidade.

4 OS ESTÁGIOS EM O ESPELHO DAS ALMAS SIMPLES E ANIQUILADAS

Já nos fica claro que a alma passa a ser Deus, e de fato, podemos falar aqui em uma transcendência do ser. Marguerite tinha consciência do que escrevia, assim, cria o itinerário espiritual da alma, apresentando os sete estágios pelos quais a alma deve seguir para se transformar em espelho e, assim, refletir a imagem cristalina de Deus, onde o despojamento total acontece e a vida clarificada toma forma em Deus. É nessa aniquilação que a alma tem plena certeza do nada querer, do nada saber e do nada sentir. Quando ela chega a tal estado perde totalmente a noção de que é feita a sua natureza e se perde na fronteira entre o que seria ela e Deus e, assim, abre mão do entendimento para que não exista mais diferença entre ela e Deus. Esse estado total de aniquilação se dá quando você não pretende ter mais a requisição das virtudes, qualquer forma de retribuição, e nega qualquer mediação entre a alma e Deus.

Amor: - A meditação do Amor Puro tem somente uma intenção, a de que a Alma ame sempre lealmente sem querer nenhuma retribuição. E isso a Alma não pode fazer se não estiver sem si mesma, pois o amor leal não ousaria ter nenhuma consolação que viesse de sua aquisição. [...], pois aquele que tem vontade que Deus faça sua vontade de sentir conforto, não crê perfeitamente em sua bondade, mas nos dons das riquezas que ele tem para dar (PORETE, 2008, p. 71).

Marguerite nos mostra que ao longo dos estágios devemos ter as mortificações, para que assim cheguemos ao estado pleno do nada. E ao passar pelos estágios a alma vai chegando a um maior não entendimento, ou as mortes que devemos chegar para alcançar o aniquilamento. É no primeiro estágio que encontramos a vida na graça, que Marguerite chama de estado de graça e é nele também que encontramos a morte do pecado, de tal modo que se faz necessário fazer só que é ordenado por Deus nos mandamentos. Tais almas não querem fazer nada para chegar à nobreza, são almas que só se preocupam com as riquezas, mas guardam os pecados. Para essas almas, a salvação já é o bastante, mas Marguerite as chama de vilãs, pois são mercadoras.

O segundo estágio é quando se dá a morte da natureza, é o aconselhamento que Deus dá para os seus amados especiais, é o perceber que se pode ir além dos mandamentos, de tal modo que despreza as honras e as riquezas, buscando apenas viver e cumprir os conselhos do Evangelho, e é nesse ponto que acontece a morte da natureza. “Amor: - *Quando o corpo está completamente mortificado e a vontade se delicia na vergonha, na pobreza e nas tribulações: então ela é completamente espírito e não outra coisa. Portanto, essas criaturas espirituais têm pureza de consciência, paz nos afetos, e entendimento na razão*” (Idem, p. 129).

Assim, sabendo que a vida do espírito, como nomeou Marguerite, é a transição do primeiro para o segundo estágio, mas antes de chegar à terceira morte, que só se dá no quinto estágio, Marguerite nos apresenta mais dois estágios, que ainda são estágios de escravidão, porém são importantes para a ascensão da montanha. O terceiro estágio é quando a alma começa a destruir as obras da vontade do espírito, digamos que seja o início da morte da vontade e, com ela, a alma tende a oferecer ao bem-amado o que ela mais ama. É o abster-se das obras que a delicia na sua própria vontade.

Para realizar esse martírio, ela se obriga a obedecer outra vontade, abstendo-se das obras e da vontade, realizando a vontade de outro para destruir sua vontade. E esse é mais difícil, muito mais difícil do que os outros dois estados acima mencionados. Pois é mais difícil derrotar as obras da vontade do espírito do que derrotar a vontade do corpo ou realizar a vontade do espírito. Portanto, é necessário pulverizar-se, rompendo-se e suprimindo-se, para alargar o lugar onde Amor gostaria de estar, e aprisionar-se em vários estados, para liberar-se de si mesmo e alcançar o seu estado (cf., PORETE, 2008, p. 189-190).

O quarto estágio é quando a alma abandona qualquer coisa pela elevação da contemplação do amor divino. Seria o estado que a alma está se despindo para o amado, no qual a vontade perde o papel principal e a alma fica inebriada com os pensamentos da graça, que acha que não há vida mais elevada. Mas aí a alma se engana, pois ainda existem nesse mundo mais dois estágios capazes de aproximar a alma de um estado perfeito.

O quarto estado é aquele no qual a Alma é absorvida pela elevação do amor nas delícias do pensamento da meditação, e abandona todos os trabalhos externos e a obediência e a qualquer outro pela elevação da contemplação. Portanto, a Alma está tão impenetrável, nobre e deliciada, que não suporta nenhum outro tipo de toque, exceto o toque da pura delícia do Amor, com o qual está singularmente inebriada e feliz (cf., PORETE, 2008, p. 190). Assim, a Alma ainda não está nadificada, pois ela ainda tem o medo de perder o prazer do Amor, e deseja ficar inerte na doçura do prazer que o quarto estágio proporciona. Sendo assim, aqui ela ainda encontra um interesse próprio e não o despojamento.

O quinto estágio, é aquele em que a Alma perde sua própria vontade e passa a querer, apenas, a vontade divina. É quando a Alma passa a considerar que Deus é, e que ela só poderá querer a vontade de Deus, se ela abrir mão da sua própria vontade. A Alma se depara com o transbordamento da Luz divina, e tendo este transbordamento a Alma percebe que deve manter-se afastada da vontade própria, pois a natureza da qual ela é composta é má, onde o

seu próprio querer a reduz ao nada. A Alma se torna o nada, ela se transforma na natureza do divino, pois tal estágio lhe dá a liberdade de não precisar mais lutar contra sua própria natureza.

Agora essa Alma caiu do amor no nada, com o qual pode ser tudo. A queda é tão profunda, se ela caiu corretamente, que a Alma não pode se erguer de tal abismo. Também não deve fazê-lo, ao contrário, deve nele permanecer: “[...] Mas o quinto estágio a fez avançar, mostrou a Alma a si mesma. Agora ela vê e compreende a Bondade divina, o que a faz rever a si mesma. E esses dois olhares lhe tiram a vontade, o desejo e as obras de bondade” (PORETE, 2008, p. 192).

Ao chegar ao quinto estágio, a Alma é levada ao sexto, estado do puro nada. A Alma não se vê mais, não vê a Deus, mas Deus se vê nela. É o estado de aniquilamento total e também o estado onde o espelho está em sua forma mais cristalina. Assim, a alma pura e iluminada se faz presente, está libertada de todas as coisas, porém não glorificada, a glorificação da Alma só se dá no sétimo estágio, que não podemos alcançá-lo em vida, pois é o estágio que o Amor só nos dá na vida eterna.

Este é o itinerário espiritual de Marguerite, é o seu caminho místico no qual pensamos que ela atravessou desde a sua primeira condenação, até o silêncio de suas palavras. Em resumo, acreditamos que os estágios são guardados no claustro da Alma, no qual, aos poucos, no processo de ascensão da montanha, vamos nos despindo dos pecados, vontades e desejos, assim permitindo que o espelho vá se polindo e que, por fim, nós possamos ser apenas a imagem refletida de Deus.

4.1 O homem-espelho e o olhar

Pensar nos estágios que Marguerite passou para alcançar o esvaziamento do ser e, então, chegar ao aniquilamento, é levar em consideração que ela, metaforicamente, poliu o espelho, ou seja, ela poliu o espelho da alma. Para maior entendimento, levo em consideração o que a estudiosa Simone Marinho escreveu e definiu de forma magnífica o que seria esse polimento do espelho, para assim ter o reflexo perfeito da deidade:

Imaginemos que cada homem seja um espelho, mas existem espelhos de tamanhos e formas diferentes, além disso, uns estão mais limpos e outros

mais sujos. Ora, quando a luz incide sobre um espelho impecavelmente limpo, o resultado dessa incidência é a irradiação da luz; pelo contrário, quando incide sobre um espelho que de tão sujo perdeu a capacidade de refletir, não há irradiação, só aquecimento; todavia, a “função” do espelho não é aquecer, é refletir (NOGUEIRA, 2008, p. 347).

A própria Marguerite levou em consideração que só alguns homens são capazes de ser preenchidos com o absoluto do divino, ou seja, não é o formato do espelho, mas como nós lidamos com a ideia de *ser espelho*. Isso pode até parecer dicotômico no sentido de existirem seres humanos propícios ao aniquilamento e seres humanos que se recusam a chegar ao aniquilamento. Porém, os seres aniquilados são aqueles que não fazem as obras por si, isto é, são os que deixam de lado a vontade do espírito, pois a alma aniquilada só está satisfeita quando não tem nada, não existe uma intenção de chegar à salvação. “[...] Assim, portanto, transparece claramente que sou glória eterna de Deus e a salvação da criatura humana, pois a salvação de toda criatura não é senão a compreensão da bondade de Deus” (PORETE, 2008, p. 186).

Levamos em consideração que a própria Marguerite, no início do prólogo de *O Espelho das almas simples e aniquiladas*, fala que não são todos capazes de entender o que ela quis tratar no livro, mas os que buscassem entender com humildade poderiam chegar ao estado de perfeição. Este estado é o libertar-se de tudo. A Alma que chega ao grau total da elevação se torna Deus e é abandonada nele, está liberta de todos os seus anseios que trazem a vida carnal e a vontade. É evidente que Marguerite passou pelos sete estágios, estes que são acompanhados pelas três mortes. O se tornar Nada, um Nada que está longe das molduras da razão, um Nada que só é visto quando mudamos o nosso olhar, virando expectadores de nós mesmos. Essa Alma aniquilada que é apenas o reflexo do divino, não é mais Nada e é tudo dentro da bondade que é o divino:

[...] tal Alma está tão inflamada na fornalha do fogo do Amor, que se tornou propriamente o fogo, razão pelo qual não sente nenhum fogo. Pois ela é fogo em si pelo poder de Amor que a transforma no fogo de Amor. Este fogo arde por si mesmo em todos os lugares e em todos os momentos de hora sem consumir nenhuma matéria e nem é capaz de querer consumir nada além de si (*Idem*, p. 70).

A aniquilação que Marguerite propõe é o esvaziamento de si, é o deixar que a alma se consuma no fogo da fornalha do Amor, e não deseje mais nada, ou melhor, ela vira apenas desejo do divino, assim alcançando a aniquilação. A Alma passa a ser reflexo de Deus. O espelho, que se desenvolve com a evolução dos estágios, é clarificação da Alma que permite este reflexo e aqui se dá o ápice da mística de Marguerite, pois não se é visto em muitas

formas religiosas essa fusão de homem-Deus. Só através de experiências místicas que encontramos essas demonstrações. Entendemos que esse longo caminho percorrido pela Alma para chegar ao estado de total aniquilamento é o reflexo daquele que molda o olhar. O olhar que vai além de preocupar-se com as obras, ou de como alcançar a salvação, mas um olhar introspectivo, que possa encontrar a Deus. É o perceber que a Alma pode ser espelho da sua própria alma, que assim também pode torna-se reflexo de Deus, um Deus que é a expansão de tudo que foi podado dentro da Alma através de uma experiência mística, aqui relatada por Marguerite.

A Alma que reflete o divino é aquela que abre mão do amor próprio, reflete só o que há de mais puro e clarificado da Deidade. Porém, é questionável como um humano carregado de pecados, imperfeições, desejos e finitude, se torna forma refletida de um Deus perfeito e infinito, mas essa resposta Marguerite também nos dá:

[...] se sou amada interminavelmente pelas três pessoas da Trindade, também fui amada por elas sempre, sem começo. Pois como por sua bondade Ele me amará interminavelmente, assim também estive no conhecimento de sua sabedoria para que eu fosse criada pela obra de seu divino poder. Portanto, à medida que Deus é, Ele que é sem começo, existi em seu conhecimento divino, e existirei interminavelmente, já que desde aquele tempo Ele amou, diz a Alma, por sua bondade, a obra que faria em mim por seu poder divino (*Idem*, p. 82).

Podemos perceber que Marguerite nos apresenta um Deus que pode ser alcançado, que é possível encontrá-lo, basta se entregar a nadificação: ser especular na busca e no engrandecimento de espírito e, assim, querer apenas o que Deus quer.

CONCLUSÃO

Percebemos que era inaceitável pelos padrões eclesiásticos da época que uma mulher tenha uma escrita tão afrontosa e sedutora sobre Deus. O clero não sabia lidar com as beguinas e como elas se colocavam para o povo e no meio deles. Entendemos que estas mulheres foram transgressoras em todos os sentidos, e o que há de mais familiar nos escritos místicos femininos é o amor abrasador pelo divino: “[...] um amor ardente pelo divino, cujo fervor de alcançá-lo se coloca no limite entre a ortodoxia e a heresia, o que nos faz questionar se o ato de escrever é apenas uma transgressão ou se, na verdade, podemos reencontrar a rescrita de uma paixão” (NOGUEIRA, 2013, p.161). Acreditamos que o principal objetivo de Marguerite Porete era levar sua experiência a outras pessoas. Através do seu escrito, ela queria que seus leitores entendessem que a Alma poderia ser aniquilada apenas por sua vontade. *O Espelho* é um livro que mostra outra maneira para aproximar-se do Absoluto, longe dos modos que a Igreja pregava, ou seja, não se faz necessário ser igreja para encontrar Deus. A alma pode chegar à salvação sem, necessariamente, ter contribuições das obras de virtudes. A experiência mística é o descobrir que Deus produz virtudes na alma, sem que seja essencial a mediação da igreja.

Por conseguinte, Marguerite abriu uma atmosfera do sagrado para chegar até o divino. Através de sua experiência mística, ela demonstra que seu interior pode atuar de forma pura e progressiva para chegar a ser um com Deus e assim a alma goza de união direta com a deidade na medida em que ela é totalmente absorvida pelo amor divino. Percebemos que a teologia filosófica poretiana mostra um cristão humanizado, que não é imaculado, mas que se reconhece e se percebe no outro. Neste sentido, Marguerite não deixou as Escrituras de lado, mas a usou não de forma tradicional e sim como uma espécie de oração do (im)possível.

Marguerite em seu guia espiritual nos mostrou que para chegar ao alto da montanha temos que abandonar tudo que parece ser alicerce, e ter o enfrentamento com a insegurança do despojamento, pois desta forma podemos conhecer a Deus de forma transcendental. E, como vimos, é com o progredir dos estágios que podemos ter o esvaziamento de si, para chegarmos a uma alma aniquilada. E é aqui que percebemos o quanto a mística poretiana quebrou barreiras da fé, adentrando em um universo de arrebatamento divino, elevação ao puro nada. Nada este que é tão obscuro, porém tão harmonioso com a categoria do reflexo do divino. Ressaltando que até quando a própria Marguerite se depara com a categoria do nada, ela chega à conclusão do quão importante é a totalidade da nadificação. É perceber que o nada

é uma possibilidade de revelação, pois quando não existe mais nada para prender o olhar carnal é que ele passa a ver claramente o divino, vejamos:

Agora essa Alma descansa nas profundezas, onde não há mais fundo, e por isso é profundo. Essa profundidade lhe faz ver muito claramente o verdadeiro Sol da altíssima bondade, pois ela não tem nada que lhe impeça essa visão [...] transformando tal Alma em sua bondade. Agora ela é tudo e, assim, não é nada, pois seu Bem-Amado a fez una (PORETE, 2008, p 193).

Assim, é nesse paradoxo de ser tudo e nada que possibilita a alma a encontrar o divino, usando de toda a liberdade de existir para se tornar una com Deus.

Assim, pensar na mística de Marguerite não é apenas um olhar sobre as concretudes do divino, é chegar a um desvelamento do homem como ser existente, que ama, sofre, deseja... É o experienciar o absoluto, absoluto este que faz o homem ser algo extraordinário diante de Deus.

BIBLIOGRAFIA

Fontes Primárias

PORETE, Marguerite. **O espelho das almas simples e aniquiladas e que permanecem somente na vontade e no desejo do Amor**. Tradução e notas de Silvia Schwartz. Petrópolis, RJ: Vozes. 2008. (série clássicos da espiritualidade).

PORETE, Marguerite. **Le Mirouer des Simples Ames. Margarete Porete Speculum animarum**, edição de Romana Guarnieri e Paul Verdeyen, Corpus Christianorum, Continuatio Medievalis LXIX, Turnhout, Brepols, 1986.

Fontes secundárias

ACOSTA, Pablo García. **Le Mirouer des simples ames de Marguerite Porete y la imago**. In: <http://edadmedia.cl/descargas.html>. Acesso em 20 de setembro de 2013.

ALMEIDA, Rute Salviano. **Uma voz feminina calada pela inquisição**. – São Paulo: Hagnos, 2011.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo. Parte I**. Tradução: Márcia de Sá Cavalcante. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1988.

_____, Martin. **O que é a metafísica?** Trad. Ernildo Stein. (Col. Os Pensadores). 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

MARIANI, Ceci Baptista. **Marguerite Porete, teóloga do século XIII**: Experiência mística e teologia dogmática em *O Espelho das Almas Simples* de Marguerite Porete. São Paulo, 2008.

NOGUEIRA, Maria Simone Marinho. **A escrita feminina medieval: mística, paixão e transgressão**. In: http://www.revistamirabilia.com/sites/default/files/pdfs/2013_02_07.pdf Acesso em 22 de fevereiro de 2014, p. 153-173

_____, Maria Simone Marinho Nogueira. **Espelho da literatura, reflexo do sagrado – reflexões filosóficas sobre a mística de Marguerite Porete**. In: II Seminário de Estudos Medievais da Paraíba - Sábias, Guerreiras e místicas: Homenagem aos 600 anos de Joana D'arc – ANAIS / Luciana Eleonora de F. Calado Deplagne, Fabrício Possebon (Organizadores). - João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2012, p.127-135.

_____, Maria Simone Marinho. **Dizer o indizível: a mística medieval enquanto transgressão da linguagem ordinária**. In: Jornadas de Filosofia Medieval – Ciclo 2012/Nacional 2. Campina Grande/Paraíba. Jornadas de Filosofia Medieval – Anais eletrônicos. UEPB e Principium, 2012, p.110-120.

PONTES, Amanda Oliveira da Silva. **Aniquilamento e Liberdade: o vazio do ser e da linguagem como experiência divinizante no pensamento de Marguerite Porete**. 2014. Trabalho de conclusão – Universidade Estadual da Paraíba, 2014.

SCHWARTZ, Sílvia. **A BÉGUINE E AL-SHAYKH**: Um estudo comparativo da aniquilação mística em Marguerite Porete e Ibn'Arabī. 2005. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião. Universidade Federal de Juiz de Fora,

Juiz de Fora. www.ufjf.br/ppcir/files/2009/05/tesesilvia.pdf. Acesso em 20 de dezembro de 2013 às 03h30min.